

Professores aproveitam contato com integrantes do Movimento dos Sem-Terra para debater o tema com os alunos

LIÇÃO DE VIDA

Marlene Gomes
Da equipe do Correio

Há pouco tempo foi uma ovelha, de nome bonitinho e aparência mais ainda. Com seu jeitinho inocente, Dolly caiu na boca da criançada, gente que nunca tinha ouvido falar em clonagem, engenharia genética ou reprodução assexuada. Mas em março do ano passado, um outro assunto já tinha dado um nó na cabeça de muitos pedacinhos de gente. Afinal, o trágico desaparecimento dos Mamonas Assassinas trouxe à tona a inevitável discussão da morte. E muito antes disso, um certo presidente "collorido" introduziu no cotidiano da meninada palavras como *impeachment*, conta fantasma ou acareação.

Reforma agrária, assentamento, desapropriação, grilagem, política agrícola, cidadania. Quem não tinha muita idéia do que exatamente esses temas tratavam está tendo que rebolear. E muito. Sim, porque alguns professores estão pegando carona na presença de integrantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), em Brasília, colocando o tema na discussão de suas classes.

Os alunos da 6ª série da Escola Polivalente (913 sul) se debruçaram sobre revistas, jornais e livros, com a missão de desvendarem, através de fotos e textos, o MST. O trabalho foi

pedido pela professora de geografia, Elaine Moreira.

"Eu não sabia que em um País tão grande como o nosso nunca tinha sido feita uma reforma agrária", disse Fernanda De Costa, 12 anos. "Mas descobri também que no meio dos sem-terra tem muita gente que perdeu emprego ou que faliu por causa de empréstimos de bancos", acrescentou.

ANGÚSTIA

Flávio, Diogo, Sérgio e Felipe dividiram entre si as tarefas do grupo. Acabaram dividindo também a angústia de constatar que havia crianças e velhos na marcha dos sem-terra até Brasília. "Fiquei impressionado de ver que até um velhinho veio caminhando. E que eles só querem a terra para plantar", disse Diogo, 12 anos.

Já a representante da turma, Andressa Damasceno, 12 anos, confessou que só tinha ouvido falar de sem-terra por causa da novela "O Rei do Gado", exibida há pouco tempo pela TV Globo. "Mas agora sei que tem muita terra no Brasil que é desperdiçada e eles só querem um pedacinho para plantar".

No acampamento dos sem-terra, no Gran Circo Lar, Fábio Vinícius parecia mais um cineasta, em início de carreira. Auxiliado pelos colegas Luciana, Anécio e Graciene, Fábio filmava tudo o que lhe chamava a atenção. Enquanto isso, os colegas faziam anotações, entrevistavam pessoas, conferiam dados.

Adauto Cruz



Alunos da 6ª série da Escola Polivalente, da 913 Sul, fizeram trabalho sobre os sem-terra que vieram a Brasília

Os quatro colegas cursam o terceiro ano do 2º grau, no Colégio do Setor Oeste (913 sul). E para fazer o trabalho escolar, pedido pelo professor de história, Paulo, foram conferir, no próprio acampamento, muitas das histórias que tinham ouvido falar.

"Estamos fazendo um documentário. E, para isso, elaboramos até um roteiro", explicou Luciana Gon-

çalves, 17 anos, exibindo um questionário com mais de 20 perguntas para serem feitas aos sem-terra. A equipe queria respostas para diversas questões, como por exemplo, "qual a perspectiva de vitória do grupo, de onde vinha o dinheiro que financiava o MST ou o critério adotado para a escolha dos líderes".

Boas alunas, elas nem precisaram

se esforçar muito para fazer o dever de casa. No final do dia, missão cumprida, e uma certeza: Foi a melhor lição de suas vidas. "Eu tinha a idéia de que eles não passavam de um grupo de bagunceiros", explicou Priscila Vanessa Rodrigues. "Agora estou vendo, na prática, o que é cidadania. Eles só querem mesmo é ter um pedaço de terra para trabalhar", complementou.